

Cèline e a medicina

Fabiano Massarro Salvador

O que haveria de novo em um título como este figurando em uma revista científica internacional direcionada a questões psicopatológicas?

Ela inaugura um novo espaço dentro da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental – RLPF*.

A ideia nasceu de conversas com o prof. dr. Manoel Tosta Berlinck, Editor Responsável da RLPF. A literatura é, como se sabe, a mais rica fonte de saberes psicopatológicos levando em consideração a subjetividade, e nossa revista ganharia muito se apresentasse textos de cunho literário sem perder de vista o seu eixo norteador.

Sigmund Freud, por exemplo, apresentou e elaborou ideias muito importantes partindo da literatura. Basta lembrar os benéficos usos que fez das ideias de J. W. Goethe, Heinrich Heine, Romain Rolland, Wilhelm Jensen, Fiódor Dostoiévski, E.T.A. Hoffmann, dentre outros. Uma das riquezas da psicopatologia fundamental – e da psicanálise – é possuir, em suas tradições, justamente tal aspecto: o de estabelecer interfaces com diferentes saberes, inclusive os artísticos, e não se restringir tão somente ao estudo de sinais e sintomas mentais. Afinal, não existe um único saber capaz de compreender o *pathos* psíquico. Por essa e outras razões não será proposto nesta seção um *retorno a Freud* e sim um *retorno à literatura*.

Orientado por esse pensamento no decurso da minha formação, sempre procurei, talvez por teimosia, mas também por desejo, saber mais acerca daquilo que me era apresentado. O interesse pelas origens, bem como o temor acerca das mesmas, pode ser intensa motivação sublimadora realizada por incessante pesquisa. Sempre achei as teorias e descobertas dos autores das áreas em referência muito estimulantes e possuidoras de um alcance impossível de inferir. Porém, sempre tive, também, a impressão que faltava algo, queria saber o que havia *antes* de tais ideias possuírem o *status* de verdade científica, bem como, por que outras teorias não tinham uma envergadura como as mais famigeradas? Assim fui traçando um caminho paralelo de pesquisa. Lia o recomendado, mas também aquilo que nas minhas caminhadas por bibliotecas, livrarias e sebos, muitas vezes saltava aos meus olhos.

Percorrendo bibliotecas e lojas de livros descobri muitas coisas. Possuindo um amor quase patológico por eles, vejo-os como guardiões de grandes descobertas. Talvez por ter a psicanálise como eixo norteador em minha prática clínica, os assuntos chamando minha atenção são de largo espectro. Atento sempre para notas de rodapé. Elas não passam incólumes por mim, pois é por meio delas que descubro verdadeiros tesouros. Afora a formação científica, meu interesse recai principalmente por romances. Destaco em especial autores russos, alemães e franceses.

É sobre a obra de um deles que falarei agora.

O autor em questão é Louis Ferdinand Cèline (1894-1961). Considero esta escolha feliz por algumas razões. Cèline foi figura bastante controversa, perspicaz e dotado de uma qualidade estilística bastante original. Romancista famoso, antisemita confesso, destruidor de verdades prontas, médico e profundo conhecedor das mazelas humanas, sobretudo as que têm como elementos constitutivos os moralismos de sua época. Todas essas questões estão presentes em livros como: *Morte a crédito* (1951), *Viagem ao fim da noite* (1952), *De castelo em castelo* (1957) e *Norte* (1960), para citar os mais conhecidos, todos publicados no Brasil.

Eles impressionam bastante, aqui e ali podem ser áridos, de tons quase confessionais e repletos de neologismos. Essas obras ecoam em mim há muito tempo.

Porém, tinha notícia da existência de outro livro de Cèline. Pouco sabia sobre ele, pois estava esgotado. Sabia, entretanto, que era sua tese de medicina. Dei início, então, a uma diligente peregrinação por livrarias e sebos até encontrá-lo e o persistente esforço não foi em vão.

Esse pequeno livro de exatas 147 páginas publicado em 1952 (talvez antes de *Viagem*, considerada sua *opus magnum*) narra a interessante história de um médico húngaro. A tese de Cèline se intitula *A vida e a obra de Semmelweis* e é um belíssimo livro.

Oferece ao leitor um panorama muito esclarecedor de como era praticada a ciência médica na Europa Central em meados de 1845, sobretudo na Hungria e na Áustria, na época pertencentes à monarquia habsburga sob os auspícios de Franz Josef. Afora mostrar esse rico universo onde a medicina era tida como de ponta, Cèline traz a baila importantes nomes dentro da história da medicina como: Rokitansky, Hebra, Heller, Helm e Skoda. Este último chefe-diretor do Hospital Geral de Viena. É importante salientar que médicos vindos de vários países (em especial EUA), aportavam em Viena para especializarem-se com os vienenses.

Cèline, numa prosa por vezes poética e irônica, descreve um universo científico sob o signo da dualidade. Universo este repleto de avanços e recuos, temores e audácias.

Esta última qualidade – a audácia – encontra-se no espírito do médico húngaro Ignác Fülöp Semmelweis. O caminho percorrido por Semmelweis foi bastante difícil. Jovem, parte para Viena para estudar medicina, cidade ímpar no que dizia respeito a pesquisas científicas. Seu contato com a medicina foi bastante intenso. Homem sensível, Semmelweis deixava-se afetar por quaisquer brincadeiras que seus colegas fizessem com ele. Tais brincadeiras frequentemente tinham origem no forte sotaque húngaro do personagem. O mesmo confidenciava aos pais seu descontentamento com o universo vienense. Sentia-se deslocado. Apaixonado pela música desde cedo, deixara para trás a musicalidade húngara para adentrar no melancólico e frio universo da capital do Sacro Império dos Habsburgos.

Certa feita Semmelweis tem uma crise nervosa e retorna a Budapeste. Lá se interessa pelas plantas e, influenciado por seus estudos, escreve tese de medicina de doze páginas levando o título de *A vida das plantas*. Apresenta-a, é aprovado e inicia atividade médica. Seu modelo era Skoda, achava-o brilhante. Tentou ser seu assistente, mas não teve sucesso. Era muito jovem. No lugar de Skoda torna-se assistente de Klin, médico responsável pela maternidade do Hospital Geral de Viena. É com esse médico que Semmelweis passa por situações muito difíceis, sobretudo por acreditar ser vítima de perseguições de Klin e seus seguidores.

Estas são algumas das questões abordadas na tese de Cèline. Mas a grande querela refere-se à morte de um sem número de parturientes com febre puerperal ocorrendo na metade do século XIX. Semmelweis começa a observar seus colegas, e nota que, após empreenderem estudos anatômicos e dissecações de cadáveres, examinavam mulheres que haviam dado à luz, ou estavam em vias de dar. Semmelweis nota, também, o altíssimo índice de mortalidade das parturientes. Segundo o médico era mais seguro dar à luz na rua do que no hospital.

O jovem médico, após pensar demoradamente sobre suas observações, atina que as partículas cadavéricas imperceptíveis a olho nu, mas não ao olfato, eram as causadoras das mortes, pelo simples ou não tão simples fato de os médicos não terem o hábito de lavarem as mãos. Mesmo Viena sendo uma espécie

de modelo de prática de medicina, os colegas de Semmelweis apresentavam inúmeras resistências às suas observações. Até médicos de outros países não acreditavam nas ideias de Semmelweis, mesmo com a taxa de mortalidade caindo para pífios 0,23%. Com a instalação de pias de cobre e a desodorização das mãos dos médicos com cloreto de cal, Semmelweis instituiu uma nova maneira de se pensar a higiene e a vida.

A batalha de Semmelweis foi longa e árdua. Foi literalmente uma viagem ao fim da noite. Para aqueles que ainda lerão esta obra de Celine é interessante notar como Viena possuía um decoro e uma moralidade ingentes, uma vez que os médicos seguidores de Klin acreditavam que muitas das mortes tinham uma etiologia bastante peculiar. Alegavam que os óbitos ocorriam por serem mulheres solteiras, pobres e de moralidades questionáveis.

Podemos imaginar que resistências seriam combatidas por Sigmund Freud décadas depois. Ou seja, apesar de Semmelweis não ter empreendido uma luta contra patologias mentais, foi um adversário feroz da morte e da estupidez que rondava os hospitais da época. Sua coragem, suponho, influenciou muitos a seguirem seu caminho. Caminho dos vitoriosos, construído numa relação dialética, de ódio, admiração e, finalmente, aceitação.

FABIANO MASSARRO SALVADOR

Psicólogo Clínico na Estância Morro Grande Clínica de Reabilitação Social (Ibiúna, SP, Br).

Av. Regente Feijó, 1000 – Jd. Anália Franco

03342-000 São Paulo, SP, Brasil

e-mail: massarro@ig.com.br